



Museu Casa da Memória Viva dos Candangos Incansáveis da Ceilândia: um patrimônio cultural candango.

Fábio da Silva¹

RESUMO:

O objetivo deste artigo é analisar o patrimônio cultural da cidade da Ceilândia no Distrito Federal no contexto Geohistórico, a partir da história da Casa da Memória. Por meio da análise do acervo fotográfico disponível procurar-se-á a construção de uma narrativa dos sentidos e significados impressos na memória posta nas fotografias.

Palavras-chave: Casa da Memória, patrimônio cultural, Ceilândia e memória.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the cultural heritage of the city of Ceilândia in the Federal District in the Geohistorical context, based on the history of Casa da Memória. Through the analysis of the available photographic collection, the construction of a narrative of the senses and meanings imprinted in the memory placed in the photographs will be sought.

Keywords: House of Memory, cultural heritage, Ceilândia and memory.

INTRODUÇÃO

A identidade cultural de uma cidade reflete elementos sobre a preservação do seu patrimônio histórico, artístico e cultural bem como sua memória e suas identidades nos âmbitos, social, político e econômico.

¹ Doutorando em Geografia (posgea/UnB), mestre em Arquitetura e Urbanismo (FAU/UnB), especialista em Educação Artística Aplicada - Artes Plástica (FSL- SP) e graduado em Educação Artística - História da Arte (FE/UERJ). Professor de Arte da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2082676655712353>. Contato: fabiosidneyster@gmail.com ORCID:0000-0001-8271-7555

Neste artigo vamos contar um pouco da história da casa da memória da Ceilândia, saber por que ela foi fundada e por quem, assim como a sua experiência na construção da identidade da cidade. Para esta finalidade vamos primeiramente entender o que é Patrimônio Cultural e a sua importância; em seguida faremos uma contextualização da história da cidade da Ceilândia desde a sua criação aos dias de hoje. Feito isso, vamos abordar a “Casa da memória” enquanto patrimônio da Ceilândia a partir das fontes pesquisadas a fim de apontar a história da cidade e o reconhecimento da sua memória e identidade local.

METODOLOGIA

A categoria de análise será memória, pois acreditamos que é suporte teórico como esteio para a construção das reflexões propostas. Como recurso metodológico utilizamos a narrativa visual para a construção de análise do acervo fotográfico disponível nas redes sociais e a casa da memória como fonte de pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

As principais discussões teóricas deste artigo é a memória coletiva, cujo o referencial teórico é HALBWACHS (1990). E ao longo do recorte do tema estudado nos apropriamos dos conceitos de LE GOFF (2006) ao abordarmos o patrimônio, e JOSÉ (2021) e PEREIRA (2013) ao descreverem a casa da memória que servem para situar o leitor quanto à linha de raciocínio que seguido na construção do artigo.

Patrimônio cultural

De acordo com Cecília Londres (2005) "Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia". Neste sentido, patrimônio é a cultura de um povo, do indivíduo e da cultura local.

O significado da palavra "patrimônio" é herança paterna, um bem recebido de um familiar, uma riqueza material que vai deixar; porém esse patrimônio também pode ser que se expresse em arquitetura ou pode ser entendido como obra de arte ou um modo de fazer.

Segundo o IPHAN "o patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo". E sua importância se dá porque trata-se de uma herança deixada para um povo, uma comunidade, uma cidade, município ou estado e que necessita ser preservado e conservado para as gerações vindouras.

Em acordo com Cecília Londres, entendemos que patrimônio cultural está para além da estética de um lugar, uma vez que reflete um conjunto de significados inter-relacionais de determinada comunidade, das experiências contínuas e descontínuas. Por isso demanda a necessidade de conjugar conceitos tais como lugar, espaço, território, paisagem, conjuntos arquitetônicos e outras dimensões patrimoniais, para sua melhor qualificação.

A preservação do patrimônio cultural é de extrema importância, entretanto a população em sua maioria desconhece o seu valor histórico, artístico e cultural, portanto supõe-se que seja necessário a criação de espaços de memórias como a “casa da memória de Ceilândia” para que a comunidade tome conhecimento de sua história local.

A partir do ensino, podemos contribuir para a formação e para a conservação da identidade da cidade. Segundo Jaqueline Moll,

“A cidade precisa ser compreendida como território vivo, permanentemente concebido, reconhecido e produzido pelos sujeitos que a habitam. É preciso associar a escola ao conceito de cidade educadora, pois a cidade, no seu conjunto, oferecerá intencionalmente às novas gerações experiências contínuas e significativas em todas as esferas e temas da vida” (MOLL, 2009, p. 15).

Todo ser humano tem algum tipo de relação com o lugar onde vive, e isso lhe dá um sentimento de autoestima e de pertencimento em relação à cidade, ou seja, o lugar institui identidades que vinculam os sujeitos aos espaços onde moram, de modo a perceberem a importância da sua continuidade e a reconhecerem sua própria história nos espaços que frequentam, como as praças, as escolas, as pessoas com as quais convivem, os templos religiosos, as feiras, os clubes, as ruas, as árvores e tudo aquilo que encerra a ideia de patrimônio material e imaterial (LE GOFF, 2006, p. 91).

Outro ponto a ressaltar é a constatação da necessidade de se discutir a preservação dos lugares enquanto referência histórica de grupos sociais. Os professores Gorayeb e Meireles explicam que um grupo não pode ser compreendido sem o seu território, no sentido de que:

a identidade sociocultural das pessoas está, invariavelmente, ligada aos atributos da paisagem. Daí a importância da demarcação e caracterização espacial de territórios especialmente daqueles em disputa, de grande interesse socioambiental, econômico e cultural, ou com vínculos ancestrais e simbólicos. (GORAYEB; MEIRELES, 2014 p. 5).

Isso posto, percebe-se que a valorização do patrimônio material e imaterial, pode despertar a emergência dos significados simbólicos dos espaços urbanos, pautar narrativas autobiográficas da construção ou da desconstrução dos espaços, e, do mesmo modo propulsionar significado histórico-artístico de importância para os espaços urbanos no que tange as experiências vividas no território vinculadas ao contexto político-social em que as histórias de vida daquele que vive o cotidiano que, embora anônimas, representam uma cultura. Everaldo Costa afirma que:

Deve-se reconhecer o sujeito e o grupo localizados em permanente situação espacial, transformadores e transformados pelo mundo; são centro da ativação, da preservação e os detentores reais do patrimônio-territorial a ser encontrado dentro e fora dos sujeitos comunitários. (COSTA, 2017, p. 7).

Ou seja, o sujeito que é capaz de transformar o lugar em que vive e o seu uso coletivo do espaço e a apropriação do seu território. Essa reflexão será realizada a partir da ótica do ensino, isto é, por meio da perspectiva da educação patrimonial.

Portanto, é urgente enfatizar um conjunto de significados, atitudes e valores partilhados pela comunidade que reside no setor urbano da Ceilândia e que merece registro historiográfico, afinal, “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Faz-se mister não deixar as tradições serem esmagadas e esquecidas, pois, em cada espaço arquitetônico, existe uma história singular, lembranças e sentimentos “difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p.5).

Baseando-se nessas considerações, desconstruir o discurso depreciativo da arte e da cultura popular pelo viés do patrimônio cultural existente nas Regiões Administrativas periféricas do Distrito Federal pode possibilitar outros significados nos processos de territorialização do espaço urbano. Convém destacar, dentro desse raciocínio, o que Milton Santos (2006, p.260) afirma: “A cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos ‘de

baixo, pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias”. Foi pensando na questão do patrimônio cultural e na possibilidade de existir um patrimônio na cidade da Ceilândia que faremos uma discussão a respeito dele.

- **Ceilândia - O Contexto histórico-geográfico de lutas e resistências**

Conservar, preservar a cidade, implica o comprometimento daquele que habita e se relaciona com ela, um sujeito que territorializa o espaço, por meio do processo de territorialização ele, existe, insiste, resiste. A Ceilândia tem um território multicultural, ela possui uma diversidade de patrimônios; e o seu reservatório elevado (caixa d’água) que é o marco de memória da cidade e os únicos monumentos edificadas que são lembrados a cidade tem histórias que precisam ser contadas.

A escolha de Ceilândia dá-se para além do caráter material: pois acreditamos na importância de divulgar e valorizar as práticas sociais postas nos espaços por onde as pessoas andam e moram. Em outras palavras, despertar um olhar sensível e crítico sobre o modo como as pessoas se reconhecem, enquanto componente de uma memória e de uma cultura, implicando na necessidade de compreender os elementos que tornaram esse lugar referência cultural e identitária.

De acordo com James Holston,

Todavia, a simples existência das cidades-satélites, onde vivem quase três quartos da população do Distrito Federal, subverte essa intenção, reproduzindo a distinção entre o centro privilegiado e a periferia destituída – um dos traços mais básicos do resto do Brasil urbano e do subdesenvolvimento que os planejadores de Brasília queriam negar ao construir seu novo mundo (HOLSTON, 1993: 35).

A Ceilândia, desde sua origem, foi motivo de polêmicas tendo em vista a própria denominação geográfica e urbanística. Inicialmente denominado de Campanha de Erradicação das Invasões (CEI), um verdadeiro apartheid² geográfico, que existe entre o Plano Piloto e as demais Regiões Administrativas do DF. A cidade foi criada com a população que morava na IAPI, depois recebeu o nome de “Ceilândia” e finalmente, formando a IX Região Administrativa da Ceilândia com dois setores, o Setor Norte e Setor Sul conhecidos como Ceilândia Norte e Ceilândia Sul.

² Apartheid é um regime de segregação racial implementado na África do Sul

Do mesmo modo que Brasília a Ceilândia, que regional e cronologicamente é subdividido entre Norte e Sul e o Centro, implicando na necessidade de compreender os elementos que tornaram esse lugar uma referência cultural e identitária. Além do seu patrimônio material, destacadamente o formato arquitetônico, posto que na sua fundação erguem-se casas para abrigar candangos operários que vieram do Nordeste para nova capital federal, em seguida é construído outro setor Guariroba, cujo formato também era de casas, tem-se o patrimônio imaterial que são as manifestações culturais, as tradições, a musicalidade e o modo de vida dos seus moradores.

Há uma peculiaridade na Ceilândia, não apenas em termos de especificação predial ou volumetria, posto que a Ceilândia tem um ordenamento territorial de casas. A Ceilândia já foi denominada de Região Administrativa (RA nº IX), mas a partir da publicação da Portaria nº 314 de 08/10/1992, passou a ser considerado como cidade, pelo fato de ser uma cidade de idosos segundo a CODEPLAN, residem cerca de % de idosos, sendo que % vivem na Ceilândia Sul, em prédios que não possuem elevador. O perfil socioeconômico da Ceilândia mudou bastante devido a Especulação Imobiliária.

A Ceilândia tem início com a configuração rural (antiga fazenda Guariroba). Portanto, a riqueza da memória, do patrimônio (material e imaterial) e da história desse espaço urbano é indiscutível, haja vista que pesquisa científica é antes de tudo um diálogo mutável e explicativo e que reproduz os antagonismos e as evoluções, com o intuito de fazer perpetuar os registros e os documentos históricos (LE GOFF, 2006).

Em outras palavras, a constituição do que hoje se denomina como Ceilândia inicia com a ocupação e vai sofrendo mudanças estruturais tendo em vista a incorporação e mobilidade, cujo processo alcança a condição de ser conhecida como uma paisagem do Distrito Federal. A Ceilândia é uma cidade onde a maior parte da população são oriundos do Nordeste e da raça negra e operários que trabalham nos comércios locais e nas residências das áreas nobres de Brasília, segundo dados do PDAD. Dentro do espaço da Ceilândia, o lugar Ceilândia Norte é mais fixo, as pessoas mais idosas e residem muito mais tempo no mesmo lugar, pois a Ceilândia Norte não tem grandes problemas físicos, por conta da questão da mobilidade, por possuir o passeio mais largo.

Outro fator que chama a atenção é o fato de ser a maior cidade do Distrito Federal, que significa que a maioria da população esteja fora de Brasília e, enquanto a urbanização não chega neste território, a violência não cai e a sua historicidade é que remete a localidade, ela é

vista como a favela. Analisando sua espacialidade existe mais de um sítio urbano dentro de uma unidade administrativa, são muitas Ceilândia dentro de uma Ceilândia (Ceilândia Norte, Ceilândia Sul, pôr do sol e outras). Todos e todas devem ter direito a cidade (David Harvey) isto é fundamental para a população periférica brasileira, a apropriação do espaço urbano público.

CASA DA MEMÓRIA – Uma experiência de construção da identidade da cidade

Com a intenção de debater o patrimônio cultural da cidade a partir da perspectiva da Geografia Cultural, e com ênfase na categoria de memória, na valorização do patrimônio local, que faremos a análise sobre a casa da memória da Ceilândia a partir de 6 fotografias como imagem de memórias.

O Museu da Memória Viva dos Candangos Incansáveis da Ceilândia (MMVCIC) abriga um acervo que trata da história da Ceilândia desde a sua criação até os dias de hoje, foi inaugurada em 1993, por Manoel Jevan Gomes³ com o objetivo de reparar e valorizar a memória viva dos candangos incansáveis construtores de Brasília. Para o criador do museu virtual de Ceilândia Vinicius José (2021):

“O Prof. Manoel Jevan: É uma das maiores referências da história e cultura ceilandense. Em 1993, fundou a Casa da Memória Viva da Ceilândia localizada no setor P-Sul. Filho de candangos e fundador da SPPCeI (Sociedade de Pesquisadores e Pioneiros da Ceilândia), professor Jevan percebeu a necessidade de se construir um espaço que valorizasse a história da classe trabalhadora de Brasília”.

A casa da memória, como é mais conhecida do que o próprio nome, é um ambiente de muita frequência pelos moradores da cidade. Este espaço tem uma importância para a comunidade, porque lá é um dos lugares onde a vizinhança se reúne com a finalidade de conhecer e entender a história da cidade. O seu acervo é composto por dissertações, artigos, livros, recortes de jornais, fotografias, folhetos, cartazes e filmes que dão destaques a história da cidade.

A Geografia é uma ciência que estuda o espaço geográfico, isso é indiscutível, portanto, em se tratando do Patrimônio Cultural podemos nos apropriar de várias ferramentas para este fim; e uma delas é a Geografia Cultural que nos possibilita abrir uma discussão entre Memória e Patrimônio a partir de um contexto geohistórico. Metodologicamente escolhemos uma

³ professor de História da rede pública de ensino do Distrito Federal, que atua na Educação de Jovens e Adultos

proposta pautada na perspectiva da Geografia Cultural, com ênfase na análise das narrativas visuais a partir das fotografias existentes no arquivo da própria casa da memória e que nos possibilita o reconhecimento da identidade cultural e territorial da comunidade Ceilândense.

O museólogo Vinicius Pereira (2013) descreve o museu como:

“um espaço residencial improvisado de museu comunitário”, é constituído por uma biblioteca, a chamada BilioCei, e pelo Arquivo Público Comunitário. No site consta também que o local é ainda conhecido por três nomes diferentes: Museu Casa da Memória Viva, Museu Casa da Memória Viva dos Candangos da C.E.I.Land e Casa da Memória Viva do Professor Jevan”.

A Casa da Memória se consubstancia em um espaço para pesquisa e produção sobre a história da cidade da Ceilândia – DF, e se localiza no Setor P Sul da Ceilândia, também é um lugar da arte, que fortalece a cultura local e que possui um aspecto museológico. Entendemos que a função da casa da memória é semelhante à do museu, uma vez que ambas as instituições são promotoras de ações educativas.

A escolha da Casa da Memória se dá porque, ela é um espaço de experiência de construção do conhecimento da história da cidade e é parte constitutiva da identidade da Ceilândia. Sem a memória não há possibilidade de se ter um sentimento de identidade.

Foi cogitado para este artigo a Casa da Memória Viva dos Candangos Incansáveis da Ceilândia, para refletirmos como este espaço se torna necessário para a construção da identidade da cidade. Luciana Ricardo defende: “O indivíduo necessita, primeiro, identificar seu espaço de memória particular, suas identidades, para depois conseguir fazer parte ativa e consciente de sua comunidade, narrando coletivamente sua cultura” (RICARDO, 2018, P.29). É um espaço que se faz necessário, na medida em que este realiza eventos com a comunidade, que é um momento de vivência com os pioneiros, professores e aqueles que residem na cidade; eles são convidados a revisitarem o seu passado, através de fotos existentes no arquivo da “Casa”, o que possibilita a identificação de personalidades e fatos marcantes na cidade e as vivências dos grupos sociais vão dando significados de pertencimento, como que em um trocadilho entre memória e temporalidade.

Os patrimônios urbanos edificados que existem na Ceilândia são aqueles que não são institucionalizado e são usados como estratégia de resistência e isso é um fator importante para se preservar a memória do lugar.

Pereira (2013) afirma que; “A Casa é hoje um espaço de referência para pesquisadores e artistas locais, que vão em busca desde documentos e publicações, á um espaço para divulgarem seus trabalhos para a comunidade, formada por alunos e moradores locais”. Considero que este espaço é um patrimônio cultural da cidade da Ceilândia, porém não seja oficializado; na medida que ele existe e resiste por muito tempo no local e neste mesmo espaço é possível encontrar a história e reconhecer a força do lugar. E o diferencial deste centro de memória para os demais é que ele funciona na residência do seu fundador e traz novos olhares sobre a Ceilândia, identificando nas narrativas orais uma história contra hegemônica a partir das pessoas que estão ali por muitos anos.

O autor Pierre Nora, no seu livro: Entre Memória e História diz:

“A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993: 9).

A Ceilândia é uma Região Administrativa muito grande e com enorme carência social, porém é um lugar de resistência e com potência de se trabalhar o sujeito coletivo, porque a identidade se constrói pela relação que nós temos com o outro. As lutas e conflitos que aconteceram na criação desta cidade serviram para transformar a comunidade, como demonstra as fotos analisadas

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha pela cidade da Ceilândia ocorre, pela diversidade cultural abarcada por esta região periférica de Brasília. Verificamos que neste território, o patrimônio enquanto prática social se revela nas diferentes manifestações culturais, nas tradições religiosas trazidas pelos habitantes, na musicalidade e no modo de vida dos moradores.



A Ceilândia espera a programação de aniversário

Foto 1. Comemoração do aniversário de Ceilândia. Fonte: Casa da memória da Ceilândia.

Esta fotografia (foto 1), que é um recorte de jornal em comemoração ao aniversário de Ceilândia nos mostra um exemplar construído em madeira para abrigar um terminal de ônibus na Ceilândia. Na imagem observamos um sobrado que possivelmente no andar superior seria a residência do proprietário do armazém que avistamos no andar térreo. Ao lado esquerdo, avistamos as portas de entrada para os banheiros masculino e feminino, para os usuários dos coletivos. A importância desta foto para o museu nos mostra a precariedade do espaço urbano no qual o governo deixou a população que veio construir a capital do Brasil.



Foto 2. Visita do cineasta Vladimir Carvalho. Fonte: Casa da memória da Ceilândia.



A foto 2 nos apresenta a frente da casa da memória, no centro dela se encontra, o professor Jevam recepcionando o cineasta Vladimir Carvalho um documentarista da história do Distrito Federal, que se encontra ao lado direita da foto que veio conhecer o acervo e a história do museu dos candangos incansáveis de Ceilândia, supõem que é um indício da importância deste espaço para a história da cidade, uma vez que pode servir como material para os próximos trabalhos do artista. Entre o professor e o cineasta está o senhor Luciano da clarineta, um importante instrumentista da cidade, que colabora com suas narrativas orais a respeito da história cidade. Logo a esquerda vemos a Dona Nair, uma figura ímpar para a realização da casa da memória.

A seguir a foto 3 nos apresenta o repentista pioneiro da cidade o senhor Dom Donzílio, conhecido como o Camões do cordel candango. Ele é uma figura importante para a casa da memória, pois reside no Distrito Federal há 58 anos e participa de quase todos os eventos que são realizados lançando os seus livros, contando histórias da construção da cidade de Ceilândia, declamando seus poemas.



Foto 3. Dom Donzílio. Fonte: Casa da memória da Ceilândia

Na imagem a seguir observamos a retirada dos pioneiros da construção da capital do Brasil (foto 4), do centro do Plano Piloto, em uma Campanha de Erradicação de Invasões (CEI), que mais tarde veio dar o nome da cidade de Ceilândia. Esta foto é emblemática para a casa da memória porque trata-se de um episódio que se encontra marcado na vida daqueles que foram negados a sua residência no centro da cidade de Brasília. Sempre a história de Brasília foi contada pelo lado oficial, mais convencionais e essa foto traz novos olhares sobre a cidade e identifica nas narrativas orais uma história contra-hegemônica, uma vez que a história do DF sempre foi contada a partir de Brasília, num discurso oficial.



Foto 4. Campanha de Erradicação de Invasões. Fonte: Casa da memória da Ceilândia.

Outro ponto considerado necessário é quando a Casa da Memória, abre suas portas para visitação das escolas públicas locais (Foto 5), possibilitando aos alunos da educação básica ter um contato com a história da cidade, criando nos mesmo uma ligação afetiva com o lugar que estudam e/ou vive. Segundo Pereira (2013)

“A necessidade de construção desse espaço tem ainda outra motivação: a carência que os pesquisadores e interessados pela história da Ceilândia e a sua cultura tem de encontrar materiais significativos em outros locais. Uma parte dos materiais encontrados hoje, inclusive utilizados nesse trabalho, tem suas fontes ligadas a materiais encontrados na Casa.”



Foto 5. Atividades culturais. Fonte: Casa da memória da Ceilândia

Afinal, como diria Maurice Halbwachs, em seu livro “Memória Coletiva,” (1990, pág. 47) “não podemos pensar em nós mesmos, senão pelos outros e para os outros”. Esta é uma forma que o professor Jevam encontrou de preservar e divulgar a identidade candanga, envolvendo a população, a comunidade (Foto 6).



Foto 6. Evento. Fonte: Casa da memória da Ceilândia.

As narrativas fotográficas apresentadas neste artigo, nos permite compreender que a intenção da criação da casa da memória é a realização da visibilidade e a valorização do patrimônio cultural como também que enfatize um conjunto de significados, atitudes e valores partilhados pela comunidade que reside nesse setor urbano e que merece registro historiográfico, afinal, “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980, p.5). Faz-se mister não deixar as tradições serem esmagadas e esquecidas pois, em cada espaço arquitetônico existe uma história singular, lembranças e sentimentos “difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (IBIDEN). Neste sentido podemos perceber qual a relação afetiva e histórica que o sujeito tem com a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história que está na memória coletiva dos moradores da Ceilândia é uma história que não se encontra nos livros oficiais e sim nos arquivos pessoais e familiares. O museu, a escola e o lugar são territórios educativos e percebemos a importância de ensinar a geohistória da cidade juntamente com a participação da comunidade por ser fundamental na construção de uma cidadania territorial, a partir de múltiplas narrativas sobre o patrimônio do lugar. O Trabalho realizado na Casa da Memória da Ceilândia, valoriza a relação do indivíduo com a cidade considerando que ele é parte integrante do processo de construção da história local.

As narrativas fotográficas apresentadas, nos mostra a territorialização iniciada pelo professor Jevam que nos remete a uma memória afetiva, provocando em si e no outro o reconhecimento do local e entendermos que a partir do lugar podemos revisitar a história. E ter um museu comunitário inserido em um território com alto índice de vulnerabilidade social é extremamente necessário na medida em que seus usuários se identificam como sujeitos capazes de transformar o lugar em que vive.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação – **Ensino Médio Tecnologia. Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Brasília, 2002.

BURITY, J. **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

COSTA, E. **Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia**. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, 26(2): 53-75, 2017.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-Iphan, 2005, 295p.

GORAYEB, Adryane. **Cartografia Social e Populações Vulneráveis**. 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Vértice: Editora Revista dos Tribunais. São Paulo, 1990.

HOLSTON, James. **Cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia de Letras, 1993: 35

LE GOFF, Jacques. **História e memória**; tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC); INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN) **Cartas patrimoniais**. Caderno de documentos nº 3. Brasília, 1995.

MOLL, J. **Educação integral: texto referência para o debate nacional**. Brasília: MEC, Secad, 2009.

NORA, Pierre. “**Entre memória e história: a problemática dos lugares**”. Projeto História, n. 10. São Paulo: Educ, 1993.

PEREIRA, Vinicius Carvalho. **A Casa da Memória Viva da Ceilândia: 1997-2010: uma análise à luz da Nova Museologia**. 151 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Faculdade de Ciências da Informação, Universidade de Brasília, 2013.

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos**. 1984

SAQUET, M. A. Milton Santos: **concepções de geografia, espaço e território**. Geo UERJ. 2008.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006. 260 p.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

<https://museuvirtualdeceilandia.com.br/site/index.php/projeto.html>